



OBSERVATÓRIO DA CIDADE RESILIENTE

CAMPANHA
CONSTRUINDO CIDADES RESILIENTES



MINHA CIDADE ESTÁ SE PREPARANDO!

Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 14/02/2020



Casos de dengue nas Américas ultrapassam 3 milhões em 2019

Os países e territórios das Américas notificaram mais de 3 milhões de casos de dengue em 2019, um pico para a região, de acordo com a mais recente atualização epidemiológica da Organização Pan-Americana Saúde (OPAS).

Esses números superam os 2,4 milhões de casos registrados em 2015, quando ocorreu a maior epidemia de dengue das Américas. Naquele ano, quase 1.400 pessoas morreram em decorrência dessa enfermidade.

“Apesar do aumento no número de casos em 2019, o intenso trabalho dos países conseguiu manter a taxa de letalidade – ou a porcentagem de casos que terminaram com morte – abaixo do esperado de 1% (0,05% em 2019)”, disse o diretor do Departamento de Doenças Transmissíveis e Determinantes Ambientais da Saúde da OPAS, Marcos Espinal.

O Brasil, dado seu tamanho populacional, teve 2.241.974 casos em 2019, 70% do total registrado na região e mais da metade das mortes pela doença. O México registrou 268.458 casos; a Nicarágua teve 186.173; a Colômbia, 127.553; e Honduras, 112.708.

O ano de 2020 começa com mais casos que 2019

Embora a região esteja saindo de um ano epidêmico, espera-se que até 2020 ainda haja alta incidência de casos. Até o momento, neste ano, foram registrados mais de 125.000 casos de dengue, incluindo 27 mortes (com uma taxa de letalidade de 0,021%).

De acordo com a atualização epidemiológica da OPAS, Bolívia, Honduras, México e Paraguai notificaram mais casos de dengue nas primeiras quatro semanas de 2020 do que no mesmo período de 2019.

A OPAS insta as famílias, comunidades e autoridades de todos os níveis a continuarem com as medidas para eliminar os locais de criação de mosquitos, uma ação fundamental para reduzir a transmissão da doença.

“A prioridade do setor de saúde é evitar mortes”, disse José Luis San Martín, assessor regional da OPAS em dengue. San Martín recomendou que a população das áreas em que a doença está circulando não se automedique e consulte um profissional de saúde ante qualquer suspeita de estar com dengue, cujos sintomas mais comuns são febre alta súbita, dor de cabeça e nos olhos, dores corporais generalizadas e mal-estar, entre outros.

A Organização também convida seus Estados-membros a fortalecer a vigilância de doenças, revisar planos de emergência e garantir treinamento adequado para os profissionais de saúde fazerem o diagnóstico de forma oportuna e o tratamento de pacientes com dengue da maneira adequada, a fim de evitar mortes pela doença.

Em 2019, a OPAS organizou treinamentos de médicos e paramédicos de 39 países da região, com base em suas diretrizes clínicas para o manejo de pacientes com dengue.

FONTE: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6108:casos-de-dengue-nas-americas-ultrapassam-3-milhoes-em-2019&Itemid=812



Agência da ONU apoia Moçambique em resiliência as mudanças climáticas

Em Moçambique, 70 % da população vivem em zonas rurais e estão expostas a mudanças climáticas. De acordo com o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola das Nações Unidas, Ifad, o país é o terceiro Estado mais afetado na África.

A agência lembra que os efeitos das mudanças climáticas no setor agrário foram evidentes em 2019, quando Moçambique foi severamente afetado por dois ciclones, Idai e Kenneth, que destruíram milhares de hectares de cultivo na região central e no norte do país.

Resiliência

Para aumentar a segurança alimentar e resiliência as mudanças climáticas de pelo menos 902,5 mil produtores rurais de Moçambique, o Ifad anunciou nesta segunda-feira que apoiará o Programa do Desenvolvimento Inclusivo de Cadeias de Valor, Procava.

A iniciativa de US\$ 72,5 milhões visa melhorar as condições de vida dos produtores rurais. De acordo com a agência, pelo menos metade dos beneficiados serão mulheres e 30% jovens.

O financiamento inclui um empréstimo no valor de US\$ 8,4 milhões e uma doação do Ifad de US\$ 33,6 milhões. Em contrapartida, o governo de Moçambique contribuirá com US\$ 4,9 milhões e outros US\$ 5,6 milhões serão fornecidos através da contribuição dos beneficiários e outros parceiros de desenvolvimento.

Foco

O programa focará inicialmente nas áreas de produção da horticultura, de bovinos e caprinos, de frangos, de leguminosas e da mandioca. De acordo com o Ifad, todos esses setores são considerados vulneráveis às mudanças climáticas.

A iniciativa investirá igualmente em infraestruturas de irrigação e em tecnologias que permitam um aproveitamento eficiente das plantações. Uma das metas é também aumentar o acesso dos pequenos produtores aos mercados e tornar eles mais competitivos.

O Procava será implementado em 75 distritos, abrangendo todas as províncias durante um período de 10 anos.



Em Moçambique, 70 % da população vivem em zonas rurais e estão expostas a mudanças climáticas. Foto: ONU Moçambique

Aquacultura

O Ifad também anunciou um financiamento em um outro projeto que busca reduzir a pobreza ao aumentar a produção e renda de mais de 88 mil aquacultores de pequena escala.

A agência observa que as condições climáticas de Moçambique são favoráveis para o desenvolvimento do setor. O país é rico em espécies de peixes que podem ser produzidos localmente e assim, contribuir para a melhoria dos níveis nutricionais.

Desafio

No entanto, o Fida diz que o desenvolvimento da aquacultura em Moçambique tem sido um desafio, devido à falta de produtos como rações e serviços financeiros acessíveis.

O Projeto de Desenvolvimento da Aquacultura de Pequena Escala, Propape, disponibilizará US\$ 49 milhões para transformar o setor da aquacultura no país. A meta é incluir principalmente mulheres, jovens e desempregados.

A iniciativa também busca reduzir através de práticas sustentáveis a vulnerabilidade dos beneficiados aos efeitos das mudanças climáticas.

O objetivo é promover o uso de uma série de tecnologias de produção pesqueira como tanques de produção de peixes, uso de energia solar e sistemas de energia eólica.

FONTE: https://news.un.org/pt/story/2020/02/1703861?utm_source=ONU+News+-+Newsletter&utm_campaign=4aef336808-EMAIL_CAMPAIGN_2020_02_13_01_00&utm_medium=email&utm_term=0_98793f891c-4aef336808-105027597



Novo relatório mostra que 1,8 milhão de pessoas no Reino Unido enfrentam grande risco de inundação

Fonte: CAFOD

Publicado pela organização de campanha The Climate Coalition e pelo Priestley International Center for Climate, o relatório alerta que o Reino Unido já está observando invernos mais úmidos e extremos climáticos mais frequentes e intensos devido às mudanças climáticas. Atualmente, cerca de 1,8 milhão de pessoas vivem em áreas com risco significativo de inundação.

Em dois estudos recentes, os pesquisadores descobriram que a probabilidade de ocorrência de chuvas extremas no Reino Unido aumentou aproximadamente 40% por causa das mudanças climáticas.

A Coalizão Climática diz que o governo deve agir com urgência para fortalecer as defesas contra inundações e implementar planos para acabar com a contribuição do Reino Unido para a crise climática.

O relatório argumenta que controles mais rígidos sobre a construção de casas em áreas com risco de inundação e o plantio de mais árvores nas áreas urbanas reduzirão o risco de inundações e ajudarão a esfriar as cidades durante as ondas de calor.

A Coalizão também diz que as melhorias nas residências - que contribuem com um quinto das emissões do Reino Unido - terão um papel fundamental no cumprimento da meta do governo de reduzir as emissões para zero líquido.

FONTE: <https://www.indcatholicnews.com/news/38858>



Verdades do lar: como as mudanças climáticas afetam os lares do Reino Unido

Os impactos das mudanças climáticas estão à porta. As casas são mais do que um edifício, são o centro da vida familiar; os lugares onde as crianças são criadas, quando se cozinha as refeições e descansa a cabeça à noite. Mas as casas estão ameaçadas pelas mudanças climáticas. Aumentos na frequência e severidade do clima extremo - incluindo ondas de calor, inundações, tempestades e secas - são os impactos iniciais mais significativos das mudanças climáticas no Reino Unido. E todos eles representam um grande risco para os lares amados.

Fooding são comunidades devastadoras. O novo relatório da Climate Coalition, apoiado por uma pesquisa do Centro Internacional Priestley para Mudanças Climáticas, constatou que as chuvas extremas aumentaram 40%, e o número de pessoas no Reino Unido que enfrentaram inundações durante o inverno é mais do que a população de Birmingham e Manchester juntas.

Este novo relatório também mostra que é possível tornar as casas adequadas para o futuro - e reduzir sua contribuição para as mudanças climáticas. É possível que nossas casas sejam mais acolhedoras, ecológicas e baratas de operar. Mas, para fazer isso, precisamos de nosso governo para garantir que todas as novas casas sejam compatíveis com uma meta líquida de zero emissões, ajudar os proprietários a tornar suas casas mais eficientes em termos de energia e melhorar as defesas contra inundações em áreas vulneráveis.

FONTE: <https://static1.squarespace.com/static/58b40fe1be65940cc4889d33/t/5e31bf3a3a5d2c0086124158/1580906730413/Home+Truths+Report.pdf>



Reino Unido: Risco de inundação a longo prazo: um serviço centrado no usuário

Por Greg Knight

As inundações de águas superficiais, quando os sistemas de drenagem não conseguem lidar com a quantidade de chuvas, são potencialmente um grande problema: mais de 3 milhões de propriedades na Inglaterra estão em risco.

A Agência Ambiental identificou seu serviço de Informações de Risco de Inundação a Longo Prazo (LTFRI) como uma maneira de melhorar a maneira como dizemos às pessoas sobre o risco de inundações nas águas superficiais - da conscientização ao entendimento, passando a saber o que fazer e quem entrar em contato.

Negócio arriscado

Eu e outros membros da equipe LTFRI começamos analisando o feedback sobre o serviço desde que ele entrou na versão beta pública (uma espécie de fase de teste) em 2016. As pessoas disseram que:

- ficaram frustrados com a função de código postal - muitos deles não conseguiram encontrar suas propriedades
- discordaram do risco de inundações de suas propriedades que o LTFRI lhes deu

Para começar, identificamos que o problema do código postal veio do uso de um padrão de design mais antigo e desajeitado (um pedaço de código para criar serviços digitais) para selecionar endereços. Julgamos que o novo padrão de 'endereço' do Serviço Digital do Governo, com base em muita experiência do usuário, deveria reduzir esse tipo de reclamação.

Mas não entendemos por que as pessoas discordavam dos níveis de risco de inundação que o LTFRI estava apresentando - portanto, nesse caso, a pesquisa era vital.

Ao fazer essa pesquisa, descobrimos que as pessoas estavam disputando seu nível de risco por vários motivos. Eles nos disseram que:

- eles nunca haviam inundado antes - então por que estávamos dizendo que eles estavam em risco?
- seu prêmio de seguro havia aumentado por causa do nível de risco do LTFRI
- potenciais compradores de casas foram adiados pela classificação de risco LTFRI
- eles não estavam perto de uma fonte de água - então como eles poderiam correr o risco de inundar?
- eles simplesmente não entendiam geralmente porque estavam em risco

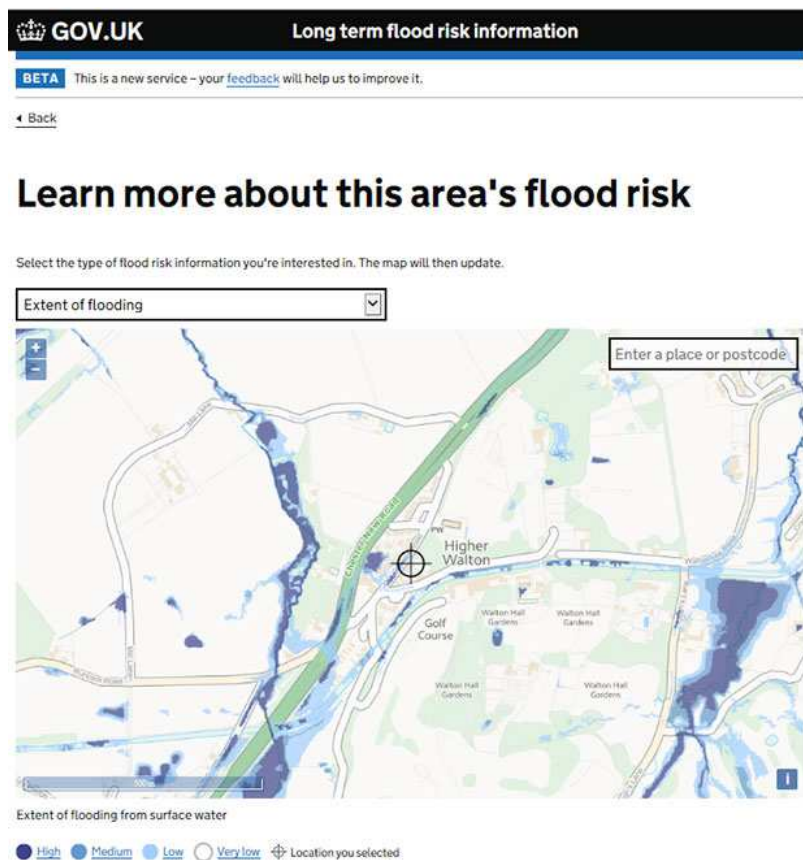
Frustração

Acontece que o serviço existente explica todas essas coisas - mas não onde os usuários podem encontrá-lo! Depois de solicitar aos usuários um número de propriedade e código postal, o LTFRI apenas informou se eles estavam em risco ou não.

O serviço não disse a eles o quão grande era o risco nem por que eles estavam em risco, apenas 'há um risco'. Depois, disse a eles o que eles poderiam fazer em resposta a esse risco. Mas, para descobrir seu nível de risco e o que isso significava, os usuários tiveram que partir para uma 'jornada' digital sinuosa. Observamos pessoas se perdendo dentro do serviço, levando à frustração e contestando os resultados do risco.

Usamos essas evidências para projetar uma nova jornada do usuário com o kit de prototipagem GOV.UK. Queríamos criar uma rota mais lógica através do serviço, e parte disso significava usar padrões de design mais familiares que outros serviços do GOV.UK usam.

Depois de solicitar o código postal, o serviço agora informa aos usuários o nível de risco e as possíveis fontes de inundação em uma página. Era importante explicarmos as diferentes fontes de inundação e como gerenciá-las - era um dos objetivos da Agência Ambiental aumentar o conhecimento das pessoas sobre como lidar com as inundações.



Um mapa mostrando o risco de inundações das águas superficiais em Higher Walton, Cheshire, Inglaterra

Informações onde você deseja

Vimos durante nossa pesquisa que as inundações nas águas superficiais eram amplamente mal compreendidas. Agora, o explicamos aos usuários no idioma com o qual eles estão familiarizados - muitas pessoas conhecem as inundações de águas superficiais como 'inundações repentinas'; portanto, tornamos essa associação explícita no serviço.

O novo serviço também informa aos usuários responsáveis pelo gerenciamento do risco de inundação das águas superficiais - sua Autoridade Líder de Inundação Local (LLFA). Ele diz a eles o que são LLFAs e que tipo de informação eles mantêm - e informa aos usuários isso em um ponto em que é provável que seja útil a eles, em vez de enterrados na parte inferior de uma página da maneira como o serviço antigo fazia.

A próxima etapa, outra alteração da jornada existente, encontra os usuários em uma página chamada 'Gerenciamento de risco de inundação'. É aqui que selecionamos o conteúdo de acordo com as necessidades dos usuários que identificamos na pesquisa.

Devido a essa pesquisa, sabemos que as pessoas usam o serviço de risco de inundação a longo prazo para:

- preparar para inundações
- proteger suas propriedades
- descobrir sobre seguros e mudança de casa

Agora, reunimos todo esse conteúdo em um só lugar, enquanto antes ele era amplamente disperso pelo serviço. Durante o teste, os usuários nos disseram que usariam esta página de 'resumo' como um recurso para voltar. Tornamos essa página de índice, o que significa que as pessoas podem encontrá-la sem precisar usar o serviço.

Próximos passos

Lançamos o novo serviço em meados de janeiro e estamos monitorando feedback e dados para ver como ele está funcionando. Temos alguns recursos em nossa lista de pendências que achamos que podem melhorar ainda mais, como o compartilhamento de informações nas mídias sociais e links diretos para os LLFAs.

Também estamos considerando um recurso em que a equipe da Agência de Meio Ambiente pode informar as pessoas sobre fatores que afetam o risco local de inundação quando estão acontecendo, em vez de esperar pelas atualizações trimestrais atuais.

Esperamos receber menos comentários negativos sobre problemas de código postal e risco de inundação com o novo serviço. Acreditamos que é uma melhoria genuína em ajudar as pessoas a entender questões que podem ser de importância crucial: o que é inundação de águas superficiais, o que significa risco de inundação e onde descobrir mais sobre inundações locais.

FONTE: <https://defradigital.blog.gov.uk/2020/02/05/long-term-flood-risk-a-user-centred-service/>



Avaliação de viabilidade de um produto automatizado, global e de monitoramento de inundações por satélite para o Serviço de Gerenciamento de Emergência Copernicus

Este relatório apresenta os resultados do trabalho realizado por um grupo de especialistas, criado pelo Centro Comum de Pesquisa da Comissão Europeia (JRC), composto por especialistas científicos e representantes da indústria e da comunidade de pesquisa, complementados por especialistas da Comissão. O CCI e a DG GROW, com o objetivo de avaliar a viabilidade de um produto operacional, global, automatizado e de monitoramento de inundações por satélite, no âmbito do CEMS. Os objetivos específicos do relatório são os seguintes: a) Avaliar os requisitos do usuário em relação à melhoria da preparação, gerenciamento e resposta a inundações, levando em consideração as ferramentas já existentes. b) Analisar e avaliar a viabilidade e os problemas científicos e técnicos que devem ser resolvidos com relação à implementação de um sistema operacional, global, automatizado, produto de monitoramento de inundação por satélite. c) Propor uma metodologia viável para um produto automatizado global de monitoramento de inundações por satélite, global, adequado para inclusão como parte do CEMS.

FONTE: https://publications.jrc.ec.europa.eu/repository/bitstream/JRC119812/global_flood_monitoring.pdf



ScienceDirect

Estrutura operacional para comunicação de risco de inundação

A comunicação de risco é um processo mútuo de compreensão do risco entre as partes interessadas e representa uma medida para integrar o conhecimento leigo em medidas para prevenir, mitigar e lidar com o risco. A comunicação de crises de

inundação, que ocorre diante do perigo que se aproxima, precisa de uma abordagem prática e operacional para lidar com desastres naturais potencialmente destrutivos em larga escala. Como as inundações são um dos georiscos mais previsíveis, a comunicação é um meio eficiente de reduzir riscos, principalmente reduzindo a exposição das pessoas.

Muitos autores discutiram a natureza da comunicação de riscos. Com relação ao risco de inundação, a maioria dos trabalhos é dedicada a planos de comunicação de longo prazo, mas faltam indicações mais práticas sobre como se comunicar durante - ou pouco antes - de uma emergência (esperada).

Portanto, apresentamos aqui uma estrutura que fornece recomendações sobre quais devem ser as informações transmitidas em uma mensagem de alerta de inundação e com qual meio de comunicação deve ser emitido, dependendo do nível de criticidade da inundação esperada, sobre os recursos da instituição responsável por o aviso e as vantagens específicas de cada meio. Portanto, a estrutura mostrada neste documento fornece um manual fácil de empregar para os operadores de proteção civil, para definir o conteúdo, a forma e o meio adequados para mensagens de aviso para a população. Essa estrutura aborda questões comuns, como a possibilidade de alarmes falsos ou a falta de pessoal encarregado da comunicação de riscos, bem como o papel das mídias sociais (e seus limites), que em muitos casos ainda não são bem compreendidas.

FONTE: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2212420919310192?via%3Dihub>



Impactos das mudanças climáticas na Europa

Os mapas apresentados no documento mostram uma história sobre como a Europa pode ser afetada pelos principais riscos climáticos, como secas, inundações, incêndios florestais e aumento do nível do mar durante o século XXI e além. Esses mapas são baseados em diferentes cenários de emissões de gases de efeito estufa e modelos climáticos e já foram publicados em vários relatórios e indicadores do EEA.

FONTE: <https://experience.arcgis.com/stemapp/5f6596de6c4445a58aec956532b9813d>

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA

<http://www.cidadesresilientes.net/>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>